

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 8 de Dezembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

81

sempre

fiVe semanario
humorístico

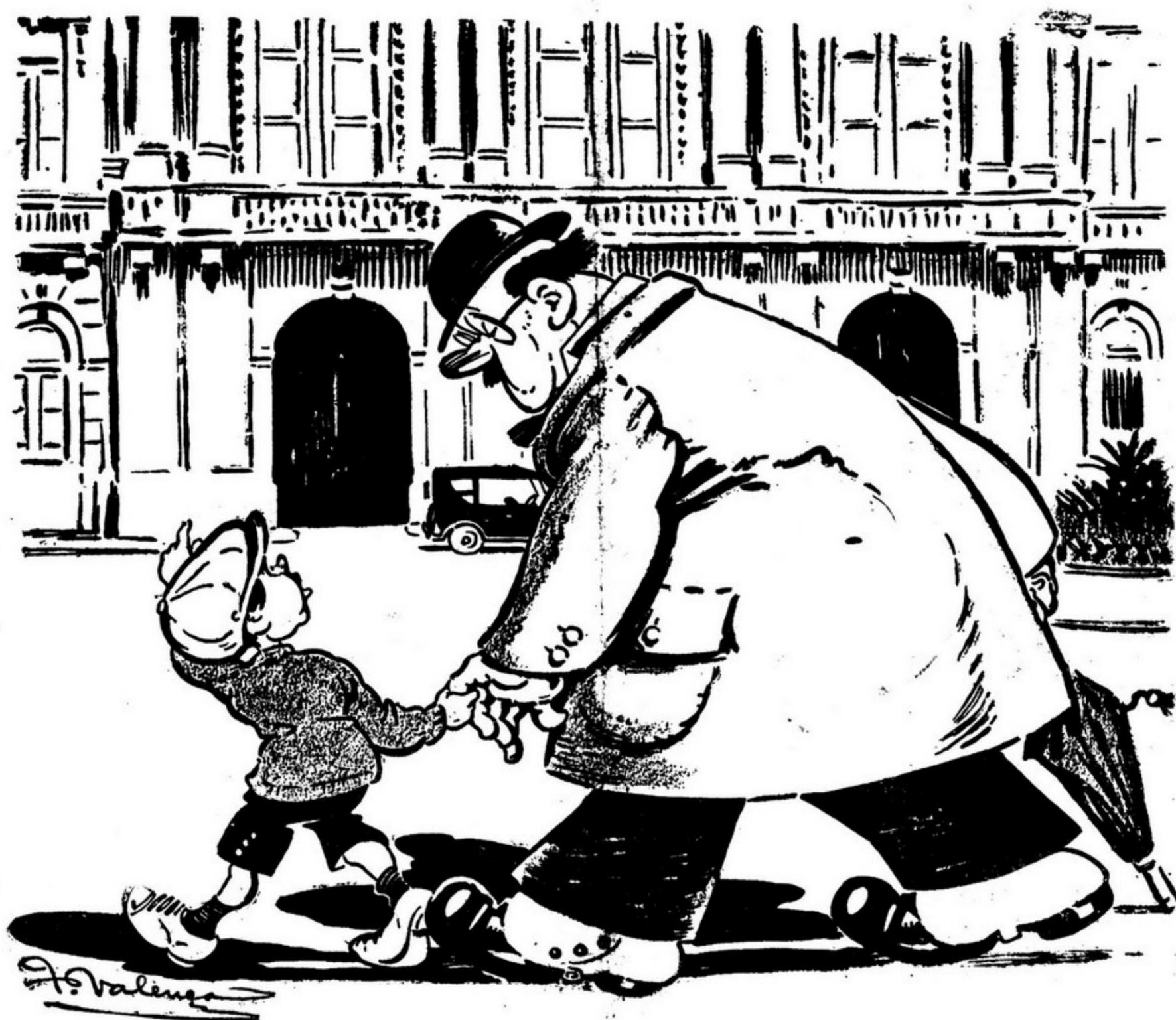


Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

MEDIDA DE GRANDE ALCANCE



—O' papá, porque é que ali a Camara manda tirar as galinhas das capoeiras?
—Porque, agora, meu filho, ha moralidade, justiça e respeito pelo semelhante. Fazia lá sentido que as pes-
soas lutassem com a tremenda crise de habitação e as galinhas tivessem capoeiras de graça!!



Os ditos da semana



Caiu o pano sobre o ultimo acto da tragedia-burlesca da Boa-Hora.

Não houve surpresas para ninguém.

O cínico da peça vai para o degredo, por ter representado o seu papel com a maior naturalidade e os criticos ficaram á solta.

Acabou-se a literatura e o paradoxo.

Se não houver outro crime de sensação, nestes tempos mais chegados, não sabe a gente como hão de brilhar os criticos, porque não é facil apanhar assim á mão um assunto que permita tão largas divagações de *espantar eles*.

Acabou-se a peça e ainda bem, porque já andava muita gente irritada, principalmente por não se compreender tanto interesse e tanta prosa a proposito do Augusto Gomes, quando no S. Luiz se exhibia uma grande companhia italiana, em que pouco se falava.

O publico preferia que os criticos puzessem um pouco de parte a peça da Boa Hora para se dedicarem mais á Gramatica.



Disse-se, e parece que com todo o fundamento, que Marang tinha fugido da Holanda. Porque tudo esquece neste mundo, esqueceu que Marang fugira, e surge agora a noticia de que o famoso burião vai dar entrada na cadeia.

Em Portugal não se pôde acreditar nestas coisas. Aqui acreditou-se que Marang era um homem de bem, acreditou-se que era digno de uma comenda de Christo e acreditou-se até que eram boas as notas falsas mandadas fabricar por ele, mas não se pôde

acreditar que ele entre na cadeia, se, préviamente, teve o cuidado de tugar.

Em Portugal, onde se acredita em tudo, não se comprehende que um homem fuja quando não está para ser preso e se apresente ás autoridades, quando chega a hora de ser posto a ferros.

De duas, uma: ou Marang nunca fugiu, ou fugiu e nunca mais entra na cadeia. Deixemo-nos de brincadeiras com coisas sérias.

Fóra da Holanda e fóra da cadeia, Marang continuará a difamar-nos, acusando-nos de acerrimos inimigos da instrucção.

Mas, porquê inimigos da instrucção?

—Porque nós não consentimos que as notas falsas continuassem o seu curso.

Em New-York, foi linchado um preto que cometera um crime de morte.

Aquilo foi um instante. Untado com petroleo, chegaram-lhe um fosforo e o preto ardeu como um farrapo de papel. Cheirava a carne assada e o publico exultava, porque estava castigando um grande maroto, que tinha tido a desfaçatez de matar um branco. Em nome da civilisação, applicava-se assim um castigo que os pretos não sabem usar.

Parece que nisto das côres da gente ha segredos indecifráveis.

Quando um preto, com uma furia de preto, mata um branco, sabe Deus, muitas vezes, com que razões, é lançado á execração publica e considerado carne-de-ninguem, porque todos podem dispôr dela para a reduzir a torres-

mos. Mas, quando umas dezenas de brancos assam, um preto obedecem aos altos desígnios de Deus e da moral.

Tudo isto se passa na America. E' talvez por isso que ha quem chame a Portugal terra de pretos. Sim, porque nós ainda não chegamos á perfeição de os reduzir a *roast-beef*.



Aquele desafio de *foot-baal*, do dia 1.º de dezembro, na Baixa, esteve bem á altura das tradições da data. Foi uma luta renhida em que, apesar de se terem marcado alguns *penalty*, os jogadores se mantiveram á altura da situação.

Houve quem não gostasse que se tivesse continuado o jogo mesmo dentro da rede, e que houvesse jogadores que não acatassem as ordens do capitão, mas isso só serviu para dar interesse ao jogo.

E foi, além de tudo, uma data de pancadaria.



O *Diario de Lisboa* quiz dar-nos o prazer de reproduzir os *portraits-charges* do julgamento de Augusto Gomes, do nosso querido camarada Valença, que, se não precisa já daquelas glorificações, não pôde, em todo o caso, deixar de se sentir sensibilizado com a homenagem. O *Sempre Fixo* também ficou muito comovido, lamentando, embora que o papá *Diario de Lisboa*, que já enfileira ao lado dos grandes jornais, como o *Seculo* e o *Diario de Noticias*, se tivesse esquecido de que os desenhos tinham sido inicialmente publicados na sua primeira pagina Não custava nada fazer como o Walter no Coliseu, habido de vaidade, diante das habilidades do filho:

—E' meu filho!

Nas costas de Portugal



—O' visinho, largue o peixe que é meu!

RECEITAS UTEIS

Polícia grelhado

Ha agora uma certa dificuldade em fazê-lo. Pode confeccionar-se, todavia. Faz-se uma festa a um polícia e chama-se-lhe *macaco*. O *gajo* apita e fica a ferver. Grelha-se depois na participação da ocorrência.

Cosido á Portuguesa

Agarra-se no Silva Tavares e no Lopo Lauer, enxertam-se de Lino Ferreira e põem-se no lume da popularidade, dentro duma panela mexida por muitos. Quando estiverem a ferver, tiram-se para fóra. Está feito o *Cosido á Portuguesa*... e teso o Almeida Cruz.

Figado «au sauté»

Chama-se o dr. Ricardo Jorge. Tira-se o figado para fóra e põe-se ao lume duma *marqueza*. O figado, se for mau, irrita-se. Se for bom, rala-se... e polvilha-se depois com «Der-matol».

Manzoni ralado

Para ralar a fressura ao Manzoni de Sequeira, agarra-se num vale e leva-se á administração sem o visto de Alfredo Pinto. O Manzoni não paga e fica ralado.

Carne de porco frita

Depois de lavado três vezes em agua de Vidago, pega-se no dr. Brito Camacho e junta-se os drs. Ferreira de Mira e Moura Pinto. Lavada também a Constituição das impurezas, põe-se ao lume brando dum jornal diário, untados com banha de cheiro. Depois é corê-la mesmo assim.

Mãosinhas á «paineleiro»

Toma-se o dr. José de Figueiredo e passa-se pelas brazas, ralando-se bem raladinho. A seguir, tomam-se as mãosinhas de José Bragança, Pita Morgado, Almada Negreiros, Alfredo França, José Saraiva, Alfredo Candido e mais *paineleiros* e põem-se de molho em aguas de Santa Catarina. Cozem-se depois em banho de S. Vicente, polvilham-se com a ralação de José de Figueiredo... e serve-se no Manicomio Bombarda.

Este prato é indigesto.

O leque da guitarra

O leque está sempre alerta quando a guitarra desperta, vibrada por mão d'artista. E' por entre a sua teia que o tom doce ou, então, alteia, conforme sente o fadista.

Da sua rôde geral, por instinto genial, nasce o trinado ou gemido, quor com risos caprichosos p'los acordes maviosos do *chorado* ou do *corrido*.

Pizam-se vezes sem conto as cordas por entre o ponto que no leque tem a amarra. Assim impera no *fado* o lindo leque doirado que é o leme da guitarra.

Jetabê.



—Você é supersticioso?
—Não.
—Então empreste-me três corças.

UMA FESTA FAMILIAR...

Os anos do sr. Mesquita

Havia grande afáfama naquele quinto andar da rua de S. Paulo. Fazia anos o sr. Mesquita, funcionario publico, casado com a D. Alda, senhora muito prendada, filha do sr. Alves da loja de ferragens e excelente dona de casa.

O sr. Mesquita habitava aquele predio havia uns bons dez anos—desde o seu casamento. E, devido á *antiguidade* da renda, ali continuava comodamente instalado, com a esposa, um gato *angora* e uma criada para todo o serviço. Tinha também um piano, que herdara duma tia abastada, e um gramofone de campanula verde, que fazia as suas delicias aos domingos á tarde e era o desespero dos vizinhos, que se viam obrigados a suportar o som roufenho desse instrumento de tortura.

Pois fazia anos, o sr. Mesquita! 16 de Novembro, data celebre e movimentada na tranquilidade daquele lar pacífico!

Os sogros, os tios, as primas solteiras que moravam na Lapa e o Joãozinho, interessante rebento dos vizinhos de baixo, sentavam-se, como de costume, á mesa do sr. Mesquita para solenizar o grande dia!

A sr.^a Rosalina, mulher a dias, depois de ter encerado os oleados, lavado os vidros das janelas e limpo os amarelos, dava uma ajudasinha na cozinha. E até o Inácio e a Mariana, porteiros do predio e amadores afamados da boa pinga, tinham ido lá para casa auxiliar os preparativos da festa.

A D. Alda colocara os *vaperons* bordados a *richelieu* na casa de jantar e na saleta e esmerara-se no arranjo das flores nos solitários e nos lacinhos cor de rosa, do papel plissado, para o canto do espelho e as fechaduras do guarda-prata.

Emfim, o modesto quinto andar da rua de S. Paulo vestia-se de grande gala para solenizar aquela data; e até as lampadas de 25 velas, de luz morticia e encarniçada, que serviam nos mais dias, tinham sido substitui-

das por outras de 50, de luz clara e esplendorosa.

* * *

Hav'a terminado o jantar, que decorrerá com grande alegria.

Os convidados e as visitas que tinham vindo mais tarde dançavam na saleta, ao som dum *charleston* popular executado no piano. Reinava grande animação entre todos e, enquanto as meninas se *divertiam*, as mães, sentadas, *co-cuevilhavam* sobre a vida alheia.

Subito, um grande estrondo, seguido de ruído de loiça quebrada, ecoara na casa, chegando até á sala. O baile foi interrompido e o sr. Mesquita, muito pálido, enfiou pelo corredor, a saber a causa do sucedido, seguido de D. Alda e do Joãozinho, em correria.

Na sala reinou grande consternação e uns e outros interrogavam-se com olhares de ansiedade e terror.

O sr. Mesquita e a sua comitiva, ouvindo alarido na cozinha, entraram por ali dentro e foram dar com o Inácio, o porteiro do predio, estendido no chão, de barriga para o ar, com um banco da cozinha tombado sobre o corpo, a espernear entre *cacos* de loiça, enquanto a criada e a Mariana gritavam, de mãos na cabeça.

E' que o guarda-portão, depois das sucessivas *saudes* ao dono da casa, animado pelos vapores da pinga, começou descrevendo, com gestos ao vivo, as aventuras dos seus tempos de militar no quartel do Carmo e para demonstrar a bravura dum cavalo que lhe calhara em sorte, colocara um banco sobre a mesa da cozinha, trepara para cima daquela *caranguejola* toda e, num dado momento, desequilibrado o cavalo, agarrara-se, para se segurar, á prateleira da loiça, dando um trambulhão fenomenal, *multiplicando* os pratos do sr. Mesquita e empanando assim o brilho daquela festa tão luzida...

T. les Copio.



— Olha, Mariquitas, nós, as portuguesas, não temos liberdade nenhuma. Se teu pai não fôsse tão ciumento, quem se fazia aviadora era eu.

— Pois sim, mas se a mãe se fizesse aviadora o pai era capaz de «avovar»...

Blagues

Santa Rita Pintor, como ele proprio assinava, foi o precursor do modernismo em Portuga e um *blagueur* originalissimo. Com uma *blague* desenhava um retrato, definia um tipo, fazia uma *blague*.

Preguntado acerca do conceito em que era tido em Paris um escritor audaz que ora anda por Italia, contou o encontro que com ele tivera em certo palacio nobre da capital da França.

—O homem estava junto do fogão, de onde tirara uma preciosa e antiga taça florentina, acerca da qual tecia admiráveis evocações da epoca, do artista que a trabalhara, do rico senhor que a possuira e outros requintados motivos que encantavam as senhoras, ouvintes e embevecidas.

Foi então que o duque, dono da casa e da taça, se lhe aproximou, dizendo:

—Muito bem, meu caro, muito bem... Mas penha a taça onde estava!

* * *

Comunicou-lhe um desenhador, também modernista e vivendo ha um ano em Madrid, que tivera a ideia de cortar, a uma serie de varias notas iguais, particulas que, diminuindo-as de maneira invisivel, permitissem formar uma nova nota. Santa Rita considerou e respondeu:

—Não deve ser negocio porque o Pacheco ainda se no lembrou disso.

* * *

Dos franceses fez esta admiravel caricatura:

—Num hotel de Toulouse alugaram-me um quarto, que era mais caro porque nele dormira, uma noite, Napoleão o Grande. Relacionando-se, na mesa redonda, com os vinte hospedes, veio a saber que todos pagavam mais caro os respectivos quartos pelo mesmo respeitavel motivo.

No hotel existiam vinte quartos onde Napoleão o Grande dormira na mesma noite.

* * *

Para certas vitimas, reservava Santa Rita uma historia medieval de um nobre que tivera vinte filhos, e a historia de cada filho durava vinte minutos. Raros eram os pacientes que ouviam mais de dois filhos e só um politico muito cordial resistiu heroicamente até ao decimo *varão*.

Santa Rita exasperou-se o gr'tou: —Irre! O sr. doutor é de se lhe tirar o chapéu! Chegar até ao decimo filho é a primeira vez que me acontece e é o cumulo do cumprimento.

* * *

Durante a guerra, appareceu na *Illustração Portuguesa* com um desenho indecifrável, afirmando ser o retrato dum poeta setecentista. O dr. Augusto de Castro evadiu a publicação, declarando que o publico apenas se interessava por coisas da guerra, generais, canhões, etc.

E Santa Rita, sem se atrapalhar, explicou:

—Então publique, sr. doutor, porque isto o mesmo pode ser um poeta setecentista que um canhão.

Perez la chaise.



—Tambem você com um cãosinho de trapos?

—E' da Fifi, que não pode viver sem uma brincadeira qualquer entre mãos.

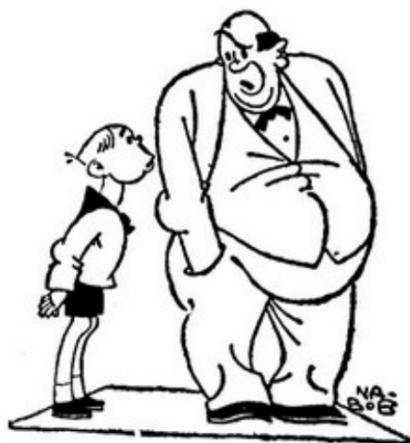
—E já se aborreceu?

—Não. E' que tem agora um noivo que ainda é mais manejava do que o cãosito...

DIZ-SE

que Gualdino Gomes vai amputar os pés... para deixar de ter calos.
 — que as frieiras d'primem o Silva Passos...
 — que abateu 20 gramas o Perry Vidal...
 — que o Lino Ferreira passa a ser o Lindo F'rr'cira e o Alfredo Candido o Alfredo Sabido...
 — que está fazendo grande successo a musica portuguesa de Alves Coelho e Raul Portela, *Rapazes, Cuidado!*— de um musico francês...
 — que o rei D. Denis I cortou as relações com o Antonio Carneiro o Silva Tavares...
 — que João de Castro Osorio pensa em cortar o discurso ao dr. Ramada... curto...
 — que o Ramada, por vingança, vai passar a chamar-se o *Casto Osorio*...
 — que Francisco de Graça vai ensaiar uns bailados no *Apollo*...
 — que se vai a fundar mais um jornal...
 — que o Sumo Pontifico vem do Roma a Lisboa para assistir á representação do *Perdoai-nos, Senhor!* e que e de receber uma excomunhão.

Sortes grandes?
 só o **PINA** as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



— Papá, a soma que me fizeste estava errada. A mim não me dá nem metade...
 — Está bem. A tua é que está certa. Mas acostuma-te a somar dessa maneira e verás o que adiantas na vida...

DA GERAL...

O Marquez da Calçada de Carriche

Neste teatro subiu ha dias, em fórma de aerostato, a peça original de D. João de Castro, tendo assistido á sua *première* todos os moradores do Lumiar e arredores, onde o Alves Marques da Cunha é muito admirado e estimado. Ele e a agua-pé de Carriche. E escrevo de Carriche para que se não confunda com a de... Amante.

Sendo impossivel fazer uma descrição do entreccho, por o julgar algo infantil, e não possuindo neste momento humorismo suficiente para esta critica, l'mito-me a dizer que o *Marques da Calçada de Carriche* é um fabricante de filhos aos domicilios. Ora, como cesteiro que faz um cesto faz um cento, o mariola do Carlos de Sousa arranjou um sarilho que se pod'a desvendar logo no primeiro acto. D. João de Castro, porém, resolveu fazer o contrario para dessa fórma nos apresentar não uma peça mas uma garraíada. Alves Marques da Cunha é digno dos maiores elogios não só pelo seu esforço como tambem pelas lagrimas que derramou quando cantava o fado de costas voltadas para o publico. Alves da Costa Coutinho recebeu 1.245 declarações, enviadas pelas espectadoras da primeira representação.

Carlos de Sousa muito bem na interpretação do *Fadista* e na apresentação do seu corpo em fórma de monumento de ossos. Recomendando-lhe para, de futuro, não abrir tanto a encantadora bôca, evitando assim que o publico lhe note aquela assustadora falta de dentes que já lhe conheço do tempo do Conservatorio...

Carlos de Oliveira, num dos melhores e mais importantes papeis da sua carreira teatral...

Calazans, um *Caruco* correcto... e aumentadissimo.

D. Berta, admiravel no papel de *Fada* e assombrosa no gesto heroico de oferecer aos noivos um predio na rua do S. João dos Bemeasados.

Maria Isabel, demasiadamente loira, elucidou-me sobre a proveniencia do vinho Bastardinho. Este é seu filho, decerto, pois que o Alves da Costa chamou-lhe *Bastardinha*. Se a pe-

ça tivesse outro acto, acabaria por ser a *Menina Cacharolête*...

D. Palmira Torres, sóbria num papel bastante sentimental.

Rosa Cerca, viçosa demais naquela murcha interpretação. Qualquer dia faz de avó.

Julietta Silva foi o *clou* da festa. Rompeu o vestido, rompeu a garganta e acabou por romper o papel. E como se aquilo fosse pouco, perdeu a linha! O Luis Pinto, armado em agulha, como não podia deixar de ser com uma mulher daquelas, teve de fazer figura... um pouco triste. Velês, uma boa taberneira.

Scenarios e guarda-roupa interessantes. Grande movimentação, fanfarras, etc. (Isto é dos cartazes!) Vieira Marques, dentro da caixa do ponto, recebeu inumeros aplausos pela fórma magistral como imitou os rugidos do touro. Parecia mesmo uma vaca leiteira! E como no podia deixar de ser, finda a garraíada, como no tempo dos meus avós, fui beber umas canecas de agua-pé...

* *

Impossibilitado de vêr duas *premières* no mesmo dia, adieei a minha visita ao Eden para a segunda representação e, por tal motivo, cumpro o doloroso dever de participar a todos os leitores, pessoas de familia e das minhas relações que a critica ás *Rosas de Portugal* é resumidissima. Não faço este aviso por cartas em especial devido ao estado de consternação em que me encontro. (Quanc' será o final do que hoje já tem fóros de moda: mais que uma *première* na mesma noite?)

Scenarios regulares, guarda-roupa lindo, coristas... muito coristas, interpretação feliz e musica muito bem adaptavia. D. Adelina Abranches bem. A' plateia arancou tantas lagrimas que os bombeiros tiveram de prestar socorros com a maxima das urgencias. O publico aplaudiu com calor Armin-da Martins, Corina Freire, o *Sempre Fixe*, o *Retardador*, o *Monstro da Gloria* e o

Recix.



Saber viver...

Um caixeiro inexperiente estava ha pouco tempo empregado numa loja. O patrão observava a cada instante o pouco tacto comercial do empregado. Quando vinha um freguês pedir qualquer artigo que a casa não tinha, o empregado dizia-o desabridamente, e nisto estava, para o patrão, a pouca habilidade comercial do empregado.

O dono do estabelecimento tinha a qualidade, com que muito se vangloriava, de que, embora não houvesse o artigo pedido, fazia sempre com que o freguês levasse qualquer coisa, por muito pequena que fosse. E, como o caixeiro era delicado, pretendeu emendá-lo, ensinando-lhe as regras do bom viver. Viver não custa; saber viver... é que é difficil... E o patrão explicou-lhe a conveniencia que havia em tentar que o freguês comprasse alguma coisa, mesmo quando a isso não viesse resolvido. Não havendo o artigo desejado, a habilidade consistia em impingir qualquer outro, fosse o que fosse. Isso é que era negocio. Isso é que era saber viver.

E o patrão exemplificava:

— Não tenho pó de arroz, mas tenho uma loção muito catita, etc.

Logo depois da admoestação, entra uma senhora na loja. O empregado, atencioso, imediatamente pergunta:

— O que deseja V. Ex.ª?

— Papel higienico.

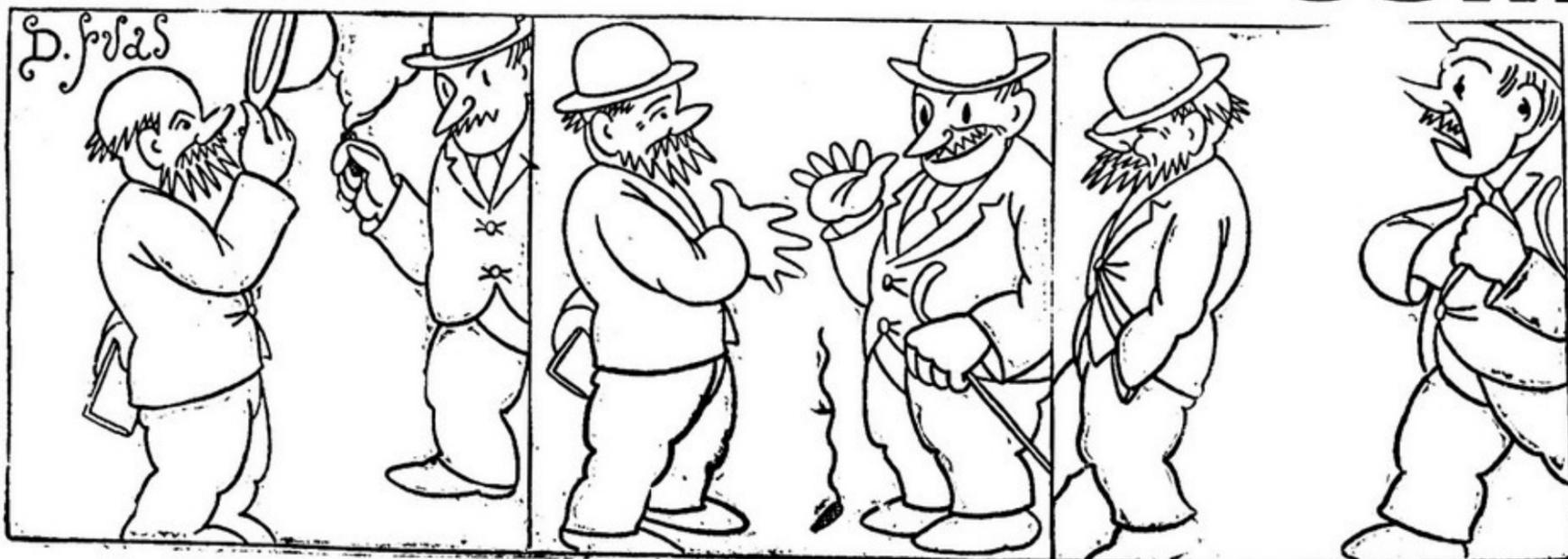
O caixeiro sabe que não ha papel higienico, mas recorda-se da preleção do patrão e, muito prestavel, diz para a freguesa:

— Papel higienico não temos. Mas ha optina lixa n.º 2...



— Se se portarem bem, á noite dou-lhes missionario com batatas...

Não faças aos outros...



— Perdão, cavalheiro: Dá-me licença para uma pergunta?
 — Pois não!...

— Que faria o senhor se encontrasse uma carteira?
 — Guardava-a!

— Desculpe-me incomodá-lo, muito obrigado, até outra vez.
 — Meu Deus, era a minha!

Elevador da Gloria

Sampaio Cunha acredita em todas as sciencias occultas. Quando era pequeno, dormia no quarto da criada, que para impedir alguma indiscreção lhe fazia ver, entre as 10 e as 11 da noite, pontualmente marcadas pelos sinos da igreja da Conceição, um fantasma sinistro, cõr de café com leite, adornado duns tremendos e ferroses bigodes. O menino chorava, devagarinho. Metia a cabeça debaixo dos lençois, ouvia um resfolgar convulsivo, mas ao outro dia nada confessava á mamã, com medo das palmatoadas do papá. Cresceu, sempre crente na existencia do vulto cõr de café com leite, que mais tarde, já depois do casamento, o visitou, dizendo-lhe, carinhosamente:

—Dorme, Sampaio, que eu sou a virtude!

Se vê uma preta, diz logo: «Cruzes! canhões!», fazendo a competente figa. Tem um odio mortal aos gatos negros; é contra o dia 13, contra a sexta-feira, e odeia todos os sete e vinte e setes—mesmo sem a respectiva prova dos nove.

Sampaio Cunha conhece a significação exacta e verdadeira de todos os sonhos. Se sonha com diarréia, fica contentissimo:

—«Já se»; é dinheiro!»

O pior é que, no dia seguinte, o patrão despede-o por improvidencia, decotando-lhe, nos magros cobres do ordenado, cem mil réis por perdas e danos nos ceuros e atamados.

Ha tempo, Sampaio Cunha appareceu-me radiante. Uma pitoniza da travessa do Fala-Só vaticinara-lhe uma viagem ao Japão. Preparou tudo; escreveu aos amigos participando a boa-nova; recusou um lugar num armazem de cabedais por grosso—e, durante uma semana, esperou ávidamente um *psst!* *psst!* da Providencia... Esta, como sempre, enganou-se, dando a vez da viagem ao primo Patrocínio, official da mercante, com grande desgosto de madame Sampaio.

De então para cá, Sampaio Cunha mostra-se menos convicto. Deitou fóra os amuletos de osso e de chifre. Fecha hermeticamente as janelas do seu terceiro andar da Sociedade Farmaceutica e comprou uma pistola para todos os fantasmas virtuosos que o queiram visitar. Mas a ultima machadada na crença occultista de Sampaio Cunha foi-lhe dada ha dias: or uma cartomante infalivel, que desmancha casameuntos.

Sampaio Cunha, ao entrar em casa da cartomante, por vergonha ou por calculo, não quiz dar o seu nome. Apagou a brasa do charuto e ciciou respeitoso:—Conde de Leiria. No primeiro compartimento, uma senhora gorda, sorridente, com uma bata cõr de rosa entre um môcho empalhado e uma serpente inofensiva, esperava-o com todos os ares de sedução. Era a cartomante. A primeira pergunta, Sampaio Cunha respondeu:

—Sou o conde de Leiria. Desejava saber o meu futuro.

A cartomante dispôs as cartas:—Conde de Leiria!... Vejo grandes desastres na sua vida... A sua mulher terá um filho, cujo pai não será precisamente o sr. conde... Os seus negocios vão sofrer grandes reveses... Terá uma morte violenta...

E o meu amigo, muito impressionado, limpando as camarinhas do suor que já lhe cobriam a testa:

—Deus seja louvado! E' sempre bom tomar as nossas precauções! Olha o que me succederia se eu, em vez de ser o Sampaio Cunha, fôsse o conde de Leiria!...

A NOVELA DO "FIXE"

As tres graças de barro

D. Eufemia Graça tinha três filhas e um marido. O marido, metódico por excelencia, saía de casa a uma determinada hora, chegava a casa a uma dita idem e saía par o seu serão na repartição idem idem.

As suas três filhas, com pouca differença de idades, revezavam-se nos trabalhos caseiros, ajudadas por uma criadita para voltas, e, quando duas delas estavam de folga da cosinha, dedicando-se a trabalhos mais leves do *ménage*, sobejava-lhes o tempo para irem até á janela ver passar os cadetes.

Toilettes berrantes, cabeças bem cuidadas, davam um tanto na vista de quem passava. De dia nunca saíam e á noite, de vez em quando, iam todas até ao Foz com os respectivos e economicos bilhetes de convite. No fim da sessão, quando recolhiam a penates, lá iam a pé, Avenida Almirante Reis acima, todas três, os pais atrás e, ainda mais atrás, três cadetes da Escola de Guerra, o que lhes valeu a alcunha, na visinhança, das *Três Graças dos Cadetes*.

Uma vez chegados a casa, o pai ia sistematicamente deitar-se, a mãe ficava a limpar a loiça que tinha servido ao chá e as filhas tomavam posições estrategicas nas trincheiras do Cupido pela seguinte fórmula: a mais velha namoricava da janela, a do meio por entre o ralo da porta da escada, que o segundo cadete subia depois de ter dado uma gorgeta ao guarda-nocturno, e a terceira ia para a escada de serviço cochichar.

A do lado da rua tinha por costume, lá para as tantas da noite e para que o relento da noite não a constipasse, de pôr um lenço branco sobre a cabeça, resguardando-a, atado em volta do pescoço.

Ora, em uma das noites calmosas que não estava marcada a triplice entrevista, passaram os três cadetes amorosos e repararam que a mais velha lá estava no seu posto da janela.

—Ora esta!—diz o Romeu Marcial—por quem esperará ella a estas horas?

Todos cumprimentaram e ella não respondeu.

Nisto, um outro vulto, tambem de lenço branco, foi postar-se ao lado da primeira.

—Olha a Zézé!—disse o segundo apaixonado.

—Se calhar foi a Lili que a chamou—disse o Marcial.

E logo —zás— um grande cumprimento em *terceto* para o 3.º andar.

—Vocês tem sorte—disse o terceiro futuro defensor da patria—é a Fifi é que não aparece.

—Escuta, Zézé—disse o primeiro deles, alto, para a janela.—Como foi que adivinhaste que nós passavamos hoje por aqui?

As duas pequenas pareciam surdas. Não responderam.

—Porque diabo estarão ellas arrufadas connosco?

—Escuta, Fifi—disse o segundo.

Nem se moveram.

A certa altura, no escuro, divisaram um vulto que chegava á porta, ajojado.

—Pst, pst...—disse o vulto para eles.—Adeus, então como estão?

—Olha, é a criadita que veio cá abaixo.

Todos se dirigiram á sopeirita e um deles inquiriu:

—Olha lá, é pequena, porque é que as meninas não respondem e a outra mana não aparece?

—A outra mana?! A outra mana veio aqui—respondeu a rapariga.

—Aquilo não são as meninas... Aquilo são duas bilhas de barro e com um paninho por cima para fazerem a agua mais fresca. Olhe, agora vou eu mesmo ao Andalus buscar a terceira.

—E as meninas?

—Olhe, a Zézé deve estar a esfregar a cosinha, a Lili á lavar os pés e a outra está de purga porque é sabado.

Escusado será dizer que esta patrulha de cadetes nunca mais passou por Almirante Reis.

José Barbosa.



Apesar de ser frequentado por um publico *select*, tudo quanto ha de mais *chic* na nossa sociedade *smart*—*ai! laife!*...—estrangeirismos que, melhor que *selecto*, *pinoca* e *puzadinho á substancia* definem a qualidade das elegantes espectadoras: e gentlemaniacos frequentadores, o Tivoli achou que não era demais dar a todos, para não melindrar ninguém em especial, uma liçõesinha de civilidade e etiqueta. Ali ninguém *vape* para o chão, ninguém mete os dedos pelo nariz, ninguém se assõa aos programas, ninguém soletra as legendas em voz alta; ha escarradores convidativos, retretes apraziveis e uns cinzeiros que estão mesmo a dizer:—«Olha que se não fuma ao pé das senhoras... sem lhes oferecer, primeiro, um cigarrinho!...» Pois, mesmo assim, a empresa houve por bem protestar, á sucapa, contra o catão que singra pelas bicas, onde só as asneiras não são artificiais; contra as atitudes obnoxias e as expressões duvias, accidentais, impingindo a Gloria Swanson, que é mal-criada como um papagaio, mas muda como um linguado *au gratin*.

Para que a platéia se não melindrasse, chamou Fidalguia ás Boas-Maneiras, como se fidalgo pudesse ser qualquer um...

Na quadra mais ditosa da vida, parece impossivel, mas é o novo de uma fita,—*The trouble with waves*, e não uma quadra... de pé quebrado. Florence Vidor (não, não é um novo pseudonimo de Francis...), Esther Ralston, Tom Moore e Ford Sterling, que se devia chamar *Rolls-Royce Sterling*, fazem um reclamo escandaloso ao cançado Atlas, enquanto nos deliciam a valer com uma graciosissima comedia.

No Odéon houve para lá *Amor e Sport* que foi uma coisa por demais. O Harvard venceu o adversario por uma cabanada de pontos, e o William Haines empatou com a Mary Brian com varios *kiss-goals*, preferindo fazer com ella um pouco de *association*, a esborrachar as ventas na borracha. A empresa é que ficou *off-side*. E' preciso *Orgulho Vencido*, meus caros senhores da M. G. M.

Atendendo a numerosos pedidos, oriundos, como sempre, de varias familias, que declararam haver já infernos em demasia, o Politeama mandou o Henry Otto acender as luzes. O Dante afinou, mas o Luis Pereira não lhe dá confiança. *Pérolas e Lagrimas* são falsas como Judas Iscariote da Silva, á excepção da pérola da Billie Dove, que é autentica, e da Betty Blythe, que tambem não engana ninguém. As lagrimas não conseguiram molhar o Jack Mulhal.

Ao contrario do que muitos discipulos de Schopenhauer profectizavam, *Os ultimos dias de Pompeia* não marcaram os ultimos dias dum cinema. Aquilo é bom; é mesmo bom-bom. Os italianos, pelo visto, começam a deitar os macaroni de fóra. Tanto o Gætzke, como o Emilio Ghioni; como Victor Varkony, como a Rina di Lignoro e a Livia Maris, conseguem rehabilitar o cinema italiano.

Et sursum Corda (Maria), como diz o Cautelleiro Fardado.

Como o Variodades ainda não estreou o *Paralzo Prohibido*, temenlo que lho profbam por ser muito pouco talassa (V. artigos ornamentados a azul, não publicados em numeros anteriores), resta nos garantir, sob palavra de honra, que *A Gasta Suzana da Ufa* não é interpretada pela D. Palmira Bastos. *Pouché!*...

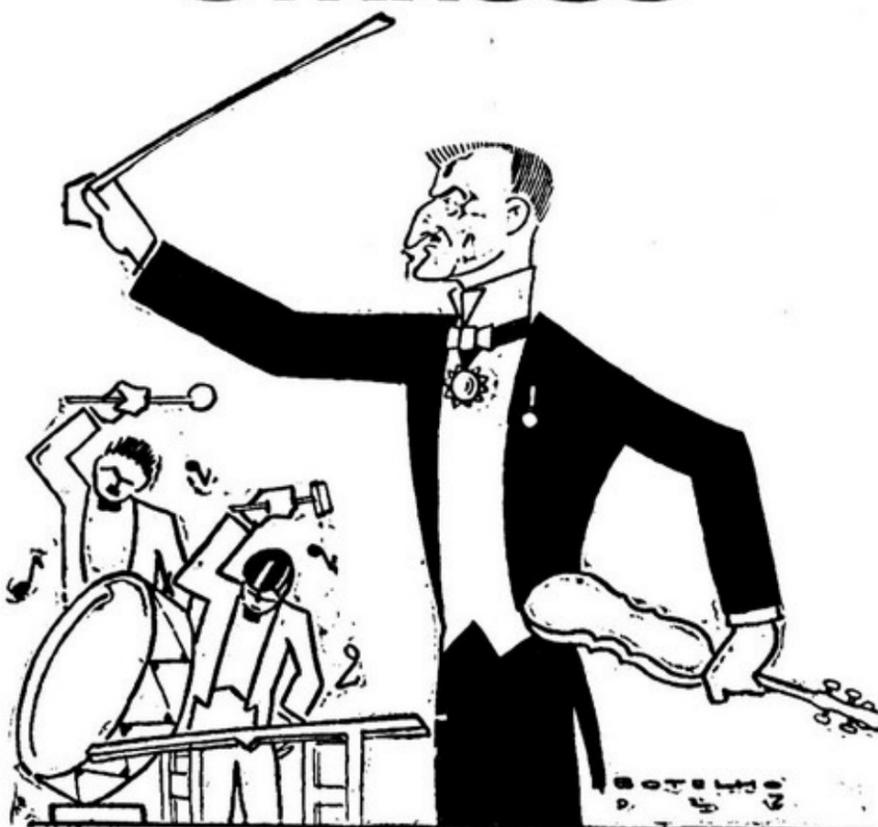
Retardador.



—Então já não tens um *haut-parleur*?

Não. Desde que morreu a minha sogra, bem me queria parecer que faltava aqui alguma coisa.

STRAUSS



Tiroliro... tiroliro... tiro... tiro...



—Olha, Chico, que lindo automovel.

—Força, papá, força, a ver se lho passamos á frente.

CANÇÃO NACIONAL

Fado da Gloria
(da Calçada)

Mote

Quem construiu tal capoeira
que ha na Calçada da Gloria
bateu o récord d'asneira,
marcou a bota na historia.

Glosas

Quem fez aquela gaiola
com tanto ferro e cimento
foi, decerto, num momento
do avaria na cachola.
Aquele ideia pachola,
d'elevada borracheira,
Só gosta dela a sopeira
que o bom gosto nunca segue...
Vá p'r'ó diabo que o carogue
quem construiu tal capoeira.

Ao Raul Lino architecto
preteriu-se em forma scética
á tal comissão d'estética
que deu á luz o projecto.
Pôs-se ali aquele objecto
p'ra nos ralar a memoria
ma's a fressura acessoria,
não sou eu só a dizê-lo:
E' o maior pesadelo
que ha na Calçada da Gloria.

Se aquele tunel seguisse
p'la calçada toda acima,
então, sim, era obra prima
p'ra quem descesse ou subisse.
Se o sol ou a chuva caísse,
não nos molhava a lombeira,
mas assim é pepinoira
tal amostra na calçada,
que uma vez edificada
bateu o récord d'asneira.

Ha, dentre as varias lombranças,
a de guardar a maquette
para uma water closette
ou cinema p'ra crianças.
Mas ainda tenho esp'ranças
que aquela obra irrisoria
passe para provisoria
se um dia rebenta o cabo
e quando fôr p'r'ó diabo
marcou a bota na historia!

Reporter B.

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magnificos almoços á Francaza

JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic

(especialidade)

Esplendido café

Escolhida frequencia



—Cometi uma grande imprudencia.
Não me despedi de minha mulher.

AO TELEFONE

Está?... Está lá?!...

—Está?
—Numero?
—Trindade: um, cinco, dois.
...
—Está?... Sempre Fixe?...
—Fixissimo! Você já sabe: ámanhã, ás duas.
—A's duas?! Mas o que eu queria era...
—Sim! Já sei! Tem onde sabe uma mala com vinte. E' s'í dar o santo.
—Quo santo? Não é do Sempre Fixe?
—E' é a senha «Fixissimo»!
...
—Qual senha, nem qual raio! Não porcocho nada... Está?... está lá?!...
—Estou sim, senhor... Se ao menos me fiasse uma, batatinhas!
—Quê? O que diz?
—Não queira ser o tirano da minha existencia.
Descance que não lhe tiro nada. Se eu nem sequer sabia da existencia da sua existencia!
—Tenha compaixão!
—Nem com paixão nem sem ela! Viva!
...
—Ora então viva! Como tem passado?
—Eu bem, muito obrigado. E' do Fixe?
—Ora, isso nem se pergunta, cada vez mais fixe. E o amigo, de saúde?
—A saúde vai menos mal, mas quem fala?...
—Ora! Está's farto de saher quem fala. Fazes-te desentendido!...
—Eu estou farto mas é de não entender!...
—Sim!! E os cem «paus» que me deres?
—Agora ainda entendo monos. Tenho realmente varios cães, mas nenhum ladra com essa voz.
—Ah, malandro, se te apanho a goito, desfaço-te!...
—Ora! Não ha de ter esse incomodo... porque eu nunca me porei á goito para isso...
...
—Numero? Trrrrrr...
—Oh, minha rica flôr! Como eu desejava encontrá-la! Dê-me só dois segundos de atençaõ!
—Ha meia hora que lhe não oiço dizer outra coisa. Desculhe!
—Minha linda menina, o telefone é que não tem desembuchado! Eu quoria que me ligasse...
—Oh filho, se não dizes outra coisa, não te ligo mesmo nenhuma!
—Estás lá, meu amor? Com quem estás tu falando Ha alguém na linha que interrompe.

—Irta, que trapalhada! Fique-se com a sua linha... eu vou-me já embora...
—Ora o parvo! Se eu soubesse quem você era, partia-lhe a cara. Ouviu?
—Pois olhe, a minha vontade é partir o telefonel... E você vá para o grande raio que o parta!... F essa delambida, idem!
...
—E' a mim que está insultando?
—A menina vá catar sapos!...
—Que disse? Vou dar parte desse numero á Direcção por ofensas ao pessoal da Companhia. Sou idiota!
—Só faltava mais esta... Que trapalhada... Trrrrrr— Oh menina! acabe lá com isso ou acabo eu em Rilhafoles!...
...
—Isso é que é absolutamente impossivel.
—Impossivel o quê?
—Não ha vagas.
—Quais vagas? Eu é que já estou ma's enjoado que se andasse no mar alto.
—Então, não se exalte; talvez o sr. Director...
—Director de quê? Mas o que quer o senhor de mim?
—Então o senhor não queria dar entrada em Rilhafoles?
—Eu queria era não ter saído á luz deste mundo!
...
—Pois suicide-se, que cá se arranja um lugar.
—Um lugar aonde? Quem fala?
—Cemiterio do Alto de S. João.
—Abrenuncio!!! Longe vá o goi-ro!
...
—Está?
—Estou... estou... com os miolos derretidos...
—Redacção do Sempre Fixe.
—Ah! Agora! Até que enfim!
—O que quer o senhor?
—Eu... eu... já nem sei o que queria dizer... era por... para que... Perdi-me...
—Perdeu-se? Não o entendo.
—Perdi-me nos fios.
—Você não está bom da cabeça!
—Eu?... Ah... Espere, tenho um artigo.
—Um artigo? O titulo?
—Está?... Está lá?!...
—Estou, diga.
—Já disse: Está?... Está lá?!...
—Apre! Estou, homem, então?
—Então... é este o titulo: Está?... Está lá?!...

Xico Ximenes.



—Quê meios tem o sr. para garantir a manutenção da minha filha?
—Meios, meios, não digo; porém, se fôr a melas, garantanto tudo.

BOM HUMOR

—Quinhentos mil réis por este quadro! O senhor que é um entendido, deve conhecer bem a importancia da arte...

—A mim o que me preocupa é a importancia do dinheiro...

* * *

—Mete o termómetro debaixo do Pedr'ito?

—Para quê? Se ele ficar vermelho é porque a agua está quente; se ficar azul é porque está fria...

* * *

—Como passa o seu filho? Fez fortuna na cidade?

—Creio que sim! Ontem recebi uma carta dele dizendo-me que agora é iteurasténico...

* * *

—Minha mulher está aprendendo piano e minha filha violino...

—Jesus! E tu que aprendes?

—A sofrer em silencio...

* * *

No brile:
Ela:—Desculpa, Paulo, mas das 128 passas tão demodés...
Ele:—Que queres, filha! Estive uma semana na provincia...

* * *

—Quero ser artista.
—Tem condições para isso?
—Sim, senhor! L'asso tranquillamente três dias sem comer...

* * *

Na rua:
Ele:—Este cão é seu?
Ela:—Não, senhor.
Ele:—Parece-se tanto...

* * *

Entre amigos:
—Esta manhã, minha mulher quiz deitar-se da janela abaixo...
—E o que fizeste?
—Aconselhei-a a que se deitasse depressa para a noticia ser publicada ainda nos jornais da noite...

* * *

—Já reparaste como as mulhorez baixam a voz quando pedem alguma coisa?
—Sim, e como a levantam quando se lhes recusa...

* * *

—Criado, quero comer bem. O que me aconselhas?
—O restaurant aqui do lado...

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Passos do Melo, 60

Telefone Norte 5582) á Estafania)



—Olha que espiga se eu não tenho trazido o chapéu de chuva...



O que se diz e o que se não deve dizer...

Equilíbrio orçamental aos pontapés

Acabou a primeira volta do campeonato de *foot-ball* de Lisboa. E não haverá mais jogos desta sensacional competição até ao Portugal-Espanha.

A Federação Portuguesa de *Foot-ball Association* encomendou já o cêsto para os *goals*.

E a propósito de *foot-ball*:

De todos é sabido que o *association* é o desporto nacional dos ingleses. O governo britânico protege-o. Obriga á sua pratica nos collegios e espalha nas casernas.

Mas nem sempre assim foi.

Quasi toda a gente ignora que, numa certa epoca da historia da Inglaterra, os reis desaprovavam energicamente este jogo, que consideravam como excessivamente brutal e capaz de dar aos rapazes ideias de violencia pouco compatíveis com a sua dignidade moral.

Eduardo II, em 1314, pronunciou a primeira interdição, que foi reforçada em 1389 por Ricardo II. Todo o praticante de *foot-ball* era conduzido aos tribunals e condonado.

Henrique IV, Henrique VIII e Elisabeth não se contentaram em manter a proibição. Agravaram as penas prometidas aos delinquentes e chegaram a classificar como *crime* o togo da bola.

Em Dublin conserva-se o texto de uma sentença pronunciada em 1579, contra um tal Denis Wogan. Numa planicie afastada, este tinha reunido alguns amigos para se divertirem enviando a bola a umas balizas. Foi feita uma denuncia. Denis Wogan, imediatamente preso—confessou. Foi condonado a duas libras de multa e a uma semana de prisão.

Com tão belos precedentes historicos, não hesitamos em chamar a atenção dos senhores ministros do Interior, Justiça e Finanças para o grande joguinho nacional.

Duas l'bras de multa a todos os individuos que andam a dar *shoots* por essa pais fóra—e torna-se desnecessario procurar outros meios para equilibrar o orçamento.

E, quanto a outras sanções:—ha desafios em que todos os vinte e dois delinquentes mereciam bem ser presos...

Um cavalheiro—ou varios—teem-se divertido a registrar todos os titulos possiveis para novas publicações desportivas.

Um aspirante a mártir do jorna-

lismo da especialidade foi á repartição respectiva inquirir dos titulos possiveis e disponiveis.

—Poderá chamar-se *Foot-ball*?

—Já está registado.

—Então: *Foot-Sport*.

—Tambem já está.

—*Match*?

—Já está tambem!

—*Gazeta Desportiva!*

Tambem.

—*Penalty*?

—Idem.

—*Stadium*?

—Idem! Idem!

A uma outra meia duzia de titulos apropriados recebeu resposta identica. Nesta altura, o aspirante a mártir do jornalismo proferiu uma exclamação vibrante de desespero.

O empregado procurou na letra *P*, verificou que não estava registada, mas obtemperou que tal titulo lhe não parecia suficientemente desportivo.

O novo jornal de *sport* deverá, pois, ao que parece, intitular-se: *O Berimbau*.

Reproduzimos a definição de *amador* que conseguiu o primeiro premio num concerto aberto pelo *New York Herald*:

—*Amador é todo aquele atleta que recusa um pagamento em cheques...*

Preferimos outras definições:

—*Amador é todo aquele que pode reservar ao desporto que pratica:— seis dias por semana, durante oito meses, sem ter fortuna nem exercer profissão...*

Uma vila dos Estados Unidos acaba de colocar á entrada da sua rua principal o seguinte aviso para os automobilistas:

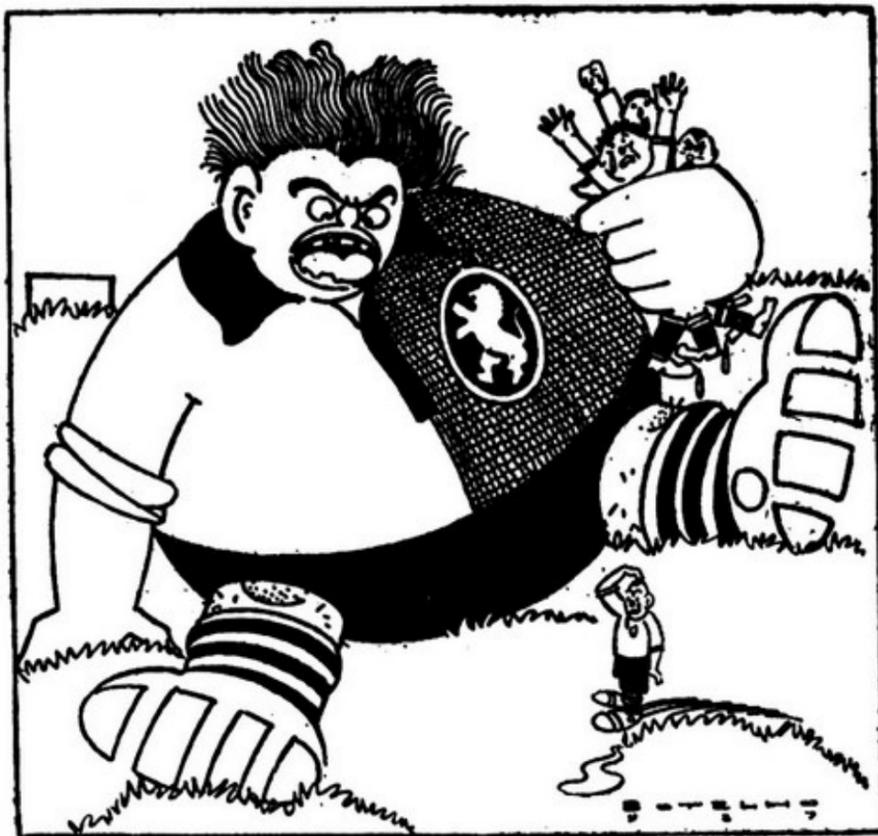
—Guie devagar e verá a nossa linda vila.

—Guie depressa e verá a nossa cadeia.

Referindo-se á exhibição dum jogador num dos desafios de domingo passado, um critico chama-lhe *classica!*

Por tão bom caminho, ainda esperamos poder vir a lér apreciações profundas sobre, os remates goticos, os mergulhos mouriscos, os *shoots* ida-de-média e os encaixes renascença.

As exhibições futuristas—essas... são moeda corrente no nosso *foot-ball*.



A ultima vitoria da primeira volta

Rebola-A-Bola.

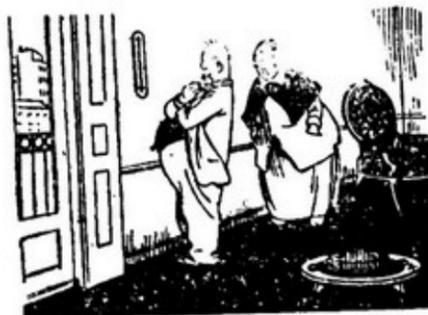
Humorismo no estrangeiro



—Que é isso? Três dentes?
—Nem mais nem monos. Achei uma dentadura postica e tinha direito a dez por cento do achado.



—Então o senhor não conhece o regulamento do transito de peões?
—Não, senhor. Por isso mesmo me meti ao auto.



—Quando eramos novos, não subia tanto o mercurio, neste tempo.
—E' porque agora está tudo mais caro, La'reana.



—Cavalheiro, tenho a honra de lhe pedir a mão de sua filha.
—João, diga á menina que está aqui o *manicure*.

BOAS RESPOSTAS



- Porque choras tanto, Moisés ?
- Pela morte do Salomão.
- Mas ele não era teu parente.
- Pois é por isso mesmo ...



- Vocemecê diz-me se aquillo é o sol ou a lua ?
- Olhe, lá isso não sei. Eu tambem não sou cá da cidade ...



- O' 37, para que são estes exercicios com as espingardas ?
- E' para a gente aprender a dar tiros.
- E tambem ensinam a gente a levá-los ?



- Já falaste com aquele sujeito do outro dia ?
- Não, perdi a direcção.
- Andas sempre a perder a direcção. Porque não usas o sextante Gago Coutinho ?